Nota da Autora

Apesar de os meus livros serem todos romances, há alguns temas nesta história que podem ser gatilhos para alguns leitores. Se achas que os avisos de gatilho são *spoilers* e que não precisas deles, por favor salta o próximo parágrafo e começa já a ler.

Este livro contém descrições detalhadas de alguém com demência avançada. Fala de traição pelo cônjuge de uma personagem secundária e maus-tratos infantis no passado, tanto físicos como emocionais. Também fala de maus-tratos, crueldade, negligência e morte de animais. Há uma cena em que um cão está em perigo. (O cão não morre. O cão da personagem principal NUNCA morrerá.) E, ainda, morte súbita de uma personagem secundária com um problema cardíaco.

Para Lilia.
Nunca te esqueceremos.

1

XAVIER

— Quer que eu faça o quê? — perguntei.

A mulher de meia-idade estava do outro lado da mesa de exame veterinário, com o seu cão entre nós. O olhar dele saltava entre as nossas caras, como se percebesse a conversa. Para o bem dele, eu esperava sinceramente que não percebesse.

— Quero que o abata — disse ela.

— Ele é saudável — realcei.

— Eu sei — disse ela, olhando para ele com desânimo. — A minha mãe cuidou muito bem dele antes de morrer.

— Então porquê?

Ela soltou um suspiro dramático.

— É o que ela queria. Não queria que ele tivesse de passar o resto da vida sem ela. Sentiria demasiado a falta dela.

— Ele pode ligar-se a outra pessoa.

Ela abanou a cabeça.

— Não me parece. É demasiado velho.

— Tem *quatro anos*.

Ela olhou-me nos olhos como se estivesse prestes a discutir comigo por causa de um cupão fora de prazo.

— Olhe — disse ela. — Vou ser sincera consigo. Eu vir aqui já foi um meio-termo. O meu marido queria levá-lo para o meio da floresta e

dar-lhe um tiro para pouparmos os trezentos dólares. Eu disse-lhe que isso não era correto e que a mãe teria querido que ele partisse pacificamente, por isso aqui estamos. Mas se não o fizer, ele trata disso; e ele não tem boa pontaria. Pode precisar de algumas tentativas.

Olhei para ela sem saber o que fazer. Era por isto que eu odiava os humanos. Eram os piores animais do planeta.

O cão mostrou-me os seus olhos tristes.

— São quatrocentos pela eutanásia — disse-lhe secamente.

Não é verdade. São trezentos. Para todos menos para ela.

Ela concordou com o preço e eu peguei no cão e fiz o que tinha a fazer.

Uma hora depois, estava sentado na sala das traseiras, a registar a visita, mais irritado do que o habitual pelo acontecimento.

A Tina, uma das minhas técnicas veterinárias, estava ali a olhar para mim de braços cruzados.

— Que foi? — disse eu, sem levantar o olhar.

— Sabe o que foi.

Olhei para ela.

— O que é que lhe devo entregar quando ela vier buscar as cinzas dele? — perguntou ela, inclinando a cabeça.

— Tens uma lareira? — perguntei.

— Não.

— Tens um grelhador a carvão?

Ela torceu a cara a pensar nisso.

— Acho que é a gás.

A Maggie, a minha outra técnica, abriu o armário e guardou um ficheiro.

— Não cremámos aquele cão resgatado que não se safou? Arraçado de São-bernardo? — disse ela. — Podemos dar-lhe isso.

— Está bem — disse eu. — Mas dá-lhe metade. É demasiado.

A Tina estava a coçar o queixo do cão que não estava morto.

— Que nome lhe vai dar? — perguntou ela.

— Não faço ideia — murmurei, levantando-me.

Estava a ficar com uma dor de cabeça. Cerrei os dentes.

— Preciso que lhe cortes o pelo — disse eu. — Faz-lhe um corte à *schnauzer* ou algo do género. Fá-lo parecer diferente.

— Mas ele é tão giro e fofinho! — disse a Tina.

Fiz contacto visual com as duas.

— Acho que não preciso de vos lembrar que posso perder a minha licença pelo que acabei de fazer.

A Tina olhou para mim com adoração.

— Nós sabemos. É mesmo um herói.

A Maggie mordia o lábio e acenava com a cabeça.

Elas estavam a sorrir para mim. Na verdade, estavam radiantes.

Isso deixou-me ainda mais irritado.

— Não tirem fotografias a este cão — disse eu. — Não o mostrem nas redes sociais. Não o chamem pelo nome. Não contem nada disto a ninguém.

— Levaremos este segredo para a *cova* — assegurou a Tina, levando as mãos ao peito.

— Eu mentiria por si em tribunal — declarou a Maggie. — Mão na Bíblia e tudo.

A Tina acenou enfaticamente com a cabeça.

— Eu sei que não gosta de ouvir isto — disse a Maggie. — Mas é verdadeiramente uma das melhores pessoas que conheço, Dr. Rush. É uma honra trabalhar para si.

Franzi o sobrolho perante o elogio. Não gostava de lisonjas ou elogios.

Contudo, gostava de cães. Gostava de todos os animais, mas especialmente de cães. Não os merecíamos — e algumas pessoas mereciam-nos menos do que outras.

— Tem mais um paciente na sala seis — disse a Maggie. — E que Deus o abençoe, Dr. Rush.

Olhei para ela mais uma vez, depois peguei no *tablet* que ela me entregou enquanto saía. Elas sorriram para mim.

Nunca contariam a ninguém. Confiava a minha vida à minha equipa… ou, neste caso, a minha licença. Mas não precisava que me bajulassem.

Entrei na sala seis e li a ficha. O paciente era um gatinho abandonado, encontrado algumas horas antes numa pilha de madeira.

— Sou o Dr. Rush — murmurei, entrando sem levantar o olhar.

Fui ao lavatório para lavar as mãos. Fechei a água, peguei numa toalha de papel e virei-me para encarar a mulher ali sentada. Foi uma surpresa instantânea quando a vi.

Era linda. Da minha idade, talvez vinte e oito, vinte e nove. Cabelo preto comprido, olhos castanhos. Com curvas.

Trazia o gatinho no sutiã. Estava enfiado no decote a dormir, o queixo equilibrado no V da camisola.

— Olá, doutor — disse ela, levantando-se. — Espere, deixe-me pegar nela. Acho que é uma ela. Não sou muito boa a ver isso em gatinhos.

Puxou a bola de pelo branca e castanha e pousou-a na mesa entre nós. Estava a ronronar.

Provavelmente eu também estaria a ronronar se tivesse estado ali dentro.

Aclarei a garganta e comecei o meu exame.

— Tem cerca de cinco semanas — disse eu, num tom baixo.

As gengivas da gatinha pareciam bem e rosadas, os olhos estavam limpos. Tinha peso a menos. Sem pulgas. Observei as orelhas. Tinha ácaros, mas nada muito mau. Apalpei-lhe o abdómen. Dobrei-lhe as patas e passei os dedos pela coluna vertebral para ver se havia anomalias.

A mulher estava a observar-me. Não sei explicar porquê, mas senti-me inseguro.

Nada me fazia sentir inseguro.

Mas, por alguma razão, o olhar dela sobre mim fez-me pensar se me tinha barbeado esta manhã.

Sentia o cheiro da gatinha. Cheirava a ela. A flores.

— Vai ficar com ela? — perguntei.

Ela inclinou-se sobre a mesa de exame.

— Hum, sim. Não posso contrariar o destino no que respeita à distribuição de gatos!

O canto do meu lábio contraiu-se.

— Verificou as redondezas? — perguntei, auscultando os pulmões da gatinha. — Certificou-se de que não havia mais nenhum?

— Sim. Só esta. — Olhou para mim através de pestanas grossas e sorriu.

O meu coração acelerou. Meu *Deus*, a mulher era linda. Fiz o meu melhor para fingir que não reparara.

Pus o estetoscópio à volta do pescoço e medi a temperatura da gatinha, tentando fingir que não estava afetado por ela me estar a observar.

Quando levantei a cauda, fiquei paralisado.

Levantei os olhos para a mulher, e ela olhou-me de volta.

— Que foi?

— Preciso de lhe fazer uns exames.

Meia hora depois, os exames estavam prontos e eu estava lá para dar as más notícias.

— A gatinha tem uma doença congénita — revelei. — Chama-se *atresia ani*. É quando o reto e o ânus não se desenvolvem completamente.

Ela pestanejou para mim e depois para a gatinha que estava de volta à sua camisola.

— Desculpe. O quê?

— Ela não tem um ânus nem um reto funcionais.

Ela fitava-me fixamente.

— Está a dizer que esta gatinha não tem um buraco lá em baixo.

— É isso que estou a dizer.

Ela tirou a gata do sutiã e levantou-lhe a cauda. Arregalou os olhos. Havia uma pequena saliência carnuda onde deveria estar o ânus, mas mal se via uma abertura. Era difícil de ver sem observar atentamente.

— Mas… mas ela faz cocó — disse ela. — Usa a caixa de areia.

— Ela desenvolveu uma fístula retovaginal. Passa as fezes pela vulva. Tem parasitas no estômago, por isso as fezes estão aquosas. É provavelmente a única razão pela qual ela sobreviveu tanto tempo. Há uma cirurgia que pode corrigir isto. Eu não a faço. Ela precisa de ser vista por um especialista, um cirurgião veterinário.

Ela acenou com a cabeça.

— Certo. Quanto é que isso custa? — perguntou.

— Entre cinco e dez mil dólares.

O queixo dela caiu.

— A minha recomendação é a eutanásia — afirmei.

Estudou o chão por um momento antes de voltar a olhar para mim.

— Mas… mas ela é *feliz*. É uma bebé feliz. Não a vou abater.

— Menina… desculpe, como é que se chama? — perguntei.

— Samantha. Diaz.

— Menina Diaz, uma de duas coisas vai acontecer aqui. Ela vai ficar com limitações, vai sofrer e vai morrer. Ou vai apanhar uma infeção, vai sofrer e vai morrer. Mesmo com a cirurgia, o prognóstico é reservado, na melhor das hipóteses. Precisará de cuidados permanentes até recuperar…

— Eu trabalho em casa. Posso fazer isso.

— É frequente haver mais complicações que requerem investimentos adicionais. Se não puder ou não estiver interessada em fazer a cirurgia, recomendo vivamente a eutanásia.

Ela agarrou a gatinha contra o peito.

— *Não posso.*

— Então quer que lhe indique o cirurgião?

— Não tenho esse dinheiro todo. Há alguma instituição que possa ajudar?

— Estamos na época das ninhadas — disse eu. — As associações estão apinhadas. E podem salvar uma centena de gatinhos com o valor que seria necessário para *talvez* salvar esta. Podia certamente contactar algumas e perguntar, mas acho pouco provável que possam ajudar. Recomendo a eutanásia — repeti. — Imediatamente. Antes que ela tenha dores. Tem mais alguma pergunta para me fazer? Se não, posso dar-lhe algum tempo para se despedir.

Ela ficou a olhar para mim.

— *Não vou* abater esta gata.

Talvez a irritação que senti tenha sido uma reação exagerada. Talvez fosse apenas o final de um dia difícil no final de uma semana muito longa e eu já estivesse frustrado com a situação do cão de há pouco, mas não consegui conter a minha irritação.

Cruzei os braços.

— Porque se dá ao trabalho de me consultar se não tenciona seguir o meu conselho?

Ela pestanejou para mim.

— Tem de haver outra opção…

— Não há. Então qual é o seu plano?

— Eu… eu não sei…

— Então é o sofrimento. Muito bem.

Ela olhava-me pasmada. Eu não quis saber.

Já tinha visto todos os males conhecidos pelo homem entrarem por aquelas portas, mas acima de tudo estava farto do egoísmo e da estupidez geral que testemunhava diariamente. Os animais que deviam viver, querem abatê-los, os que vão sofrer, querem mantê-los vivos. Negligenciam-nos e maltratam-nos, não os esterilizam e os abrigos transbordam, largam-nos, cansam-se da responsabilidade e abandonam-nos. A estupidez bem-intencionada não deixa de ser estupidez. Ela ia prolongar o sofrimento deste animal. Odiei isso e, por alguma razão, também odiei o facto de isso ter diminuído a minha opinião sobre ela. Acho que, de tudo, isso era o que mais me incomodava.

— Mais alguma coisa? — perguntei. — Ou já acabámos?

Os olhos dela ardiam.

— Já alguém lhe disse que os seus modos precisam de ser trabalhados?

— Por acaso, já — declarei. Afastei-me da mesa de exame. — Avise-me quando ela deixar de comer, o estômago se distender e ela estiver em agonia suficiente para que você faça as escolhas difíceis que vêm com a responsabilidade de ter um animal de estimação.

E saí da sala.

Ela seguiu-me.

— O que o faz pensar que não consigo angariar este dinheiro? — disse-me ela nas minhas costas.

Revirei os olhos.

— A natureza humana? — disse eu, entregando o *tablet* a uma Maggie de olhos arregalados, a caminho do escritório.

— As pessoas são inerentemente boas — argumentou ela. — Elas *querem* ajudar.

Virei-me e prendi-a com o olhar.

— As pessoas são inerentemente idiotas.

— Ai são? — disse ela. — Bem, você é.

Ela ficou ali parada, com as bochechas rosadas, a cabeça da gatinha a sair do topo do decote. *Sexy*.

Não sei porque é que pensei nisso nesse momento, mas *sexy* era tudo o que eu conseguia processar.

— É justo — respondi.

Entrei no meu escritório e fechei a porta.

2

Samantha

— Conseguiste mesmo — disse a Jeneva.

— Nada me motiva mais do que dizerem-me que não consigo fazer alguma coisa.

A minha irmã riu-se.

Tinham passado quatro dias desde a consulta com o Dr. Idiota. O GoFundMe tinha quase nove mil dólares.

A *Poo* estava a brincar na minha sala de estar com a bolinha que lhe comprei. Batia-lhe, depois corria atrás dela pelo chão e saltava para cima dela. Sorri para ela a caminho do sofá.

— Sabias que se ia tornar viral? — perguntou a Jeneva.

Encolhi os ombros.

— Quero dizer, não tinha a certeza. Mas mais ou menos. Um animal bebé fofo que precisa de ajuda, um claro apelo à ação, um *slogan* cativante.

— «A *Poo* precisa de um buraco do…» Genial!

— É o que eu faço. — Deitei-me no sofá com o meu café gelado.

— Espero que ele veja — disse ela.

— Também espero que ele veja. Parvalhão. Sabes o que é ainda pior?

— O quê?

— Ele era tipo, mesmo muito *sexy*. Quando estava a ser mau para mim, ficava ainda mais *sexy*. Porque é que eu sou assim?

A Jeneva estava a arrumar loiça ruidosamente.

— Escreveste-lhe uma crítica negativa?

Arrastei um cobertor para o meu colo.

— Não. Sinceramente, escolhi-o porque tinha boas classificações. As críticas na verdade avisavam que ele é brilhante e rabugento, um encantador de animais mal-humorado ou assim.

— Nós adoramos um tipo rabugento — disse ela, distraidamente.

— Quero dizer, eu percebi o que ele queria dizer, só não precisava de ser rude. Nunca percebi porque é que os homens brancos são tão rabugentos. Tipo, estamos a viver num patriarcado. Tu és a classe mais privilegiada à face da terra. Não têm de caminhar até ao carro com as chaves entre os dedos como o Wolverine, além de terem autonomia corporal. Porquê o mau humor?

— Como é que ele era? — perguntou ela.

— Como se o Rhysand dos livros ACOTAR[1] fosse uma pessoa real — disse eu, colocando a palhinha entre os dentes.

— Não…

— Juro por Deus. Espera, vou pesquisar no Google, a ver se encontro uma fotografia.

Coloquei-a em alta-voz e escrevi *Xavier Rush veterinário* na barra de pesquisa e carreguei em imagens.

Apareceu uma fotografia dele a segurar um prémio no *site* da Associação Americana de Medicina Veterinária. Tinha sido reconhecido no ano anterior por uma quantidade gigantesca de horas de voluntariado a tratar de animais resgatados.

Parecia irritado, como se não quisesse estar ali. Bonito, mas definitivamente forçado a estar ali.

— Aqui vai — disse eu, enviando-lhe uma captura de ecrã.

Bebi o meu café enquanto esperava que ela o visse.

— Oh, sim… — disse ela.

— Se ele não fizer a cena das asas de morcego e das tatuagens para o Dia das Bruxas, é uma grande oportunidade perdida — comentei.

— Achas que ele sorri pelo menos aos cães?

— Provavelmente não.

[1] Série de livros de romance e fantasia escritos por Sarah J. Maas. (*N. da T.*)

— A minha característica tóxica é acreditar que o conseguia mudar.

— Ah. A minha característica tóxica é não me importar se o poderia mudar.

Ela riu-se.

Em som de fundo, consegui ouvir a mãe a entrar na divisão.

— Diz-lhe olá — disse eu.

— A Samantha diz olá.

— Quem? — Ouvi a mãe dizer.

— A Samantha — repetiu a Jeneva.

Seguiu-se o silêncio. A mãe não disse «olá» de volta.

Fiquei a olhar para a *Poo* enquanto tentava apaziguar os meus sentimentos em relação a isso.

— Como é que ela está? — perguntei.

— Está bem. — Depois falou para a mãe: — Vou fazer-te o jantar. Vamos comer massa. Não, não precisas de ajudar, eu trato disto.

Estiquei a mão para debaixo do sofá e tirei o meu portátil, para verificar os fundos angariados para a *Poo*. Era a minha principal fonte de serotonina esta semana. Bem, a gatinha também. Mas o GoFundMe foi um sucesso a vários níveis para mim. Significava que podia salvar a minha bebé, que a minha já elevada fé na humanidade estava renovada, e que o Dr. Idiota estava errado, o que era um tipo de alegria mesquinha, porém sólida.

A página carregou e eu sorri. Quase dez mil agora. Estava suficientemente perto para me sentir à vontade para marcar a cirurgia. E mesmo a tempo. Ia para a Califórnia daqui a seis semanas e teria de levar a *Poo* comigo, por isso quanto mais cedo ela recuperasse, melhor.

— Estou entusiasmada por te mostrar a casa — disse a Jeneva. — Fizemos muitas reparações.

Voltei a ouvir a mãe.

— Vamos comer massa, mãe — disse a Jeneva. — Sim, vou fazer-te o jantar. Não, senta-te, não precisas de ajudar, eu trato disso.

Afastei o telemóvel da boca, como se ela pudesse ouvir a minha expressão. Depois, em vez de deixar o nó na minha garganta engrossar, carreguei em *atualizar* na página dos donativos.

Alguém acabara de doar 500 dólares.

Até me desencostei do sofá.

A maioria das pessoas dava vinte e cinco. Talvez cinquenta. Tinha recebido alguns donativos de cem dólares. Mas nada assim tão alto. Olhei para o nome e os meus olhos arregalaram-se.

A Jeneva deve ter ouvido o suspiro.

— Que foi? — perguntou.

— O veterinário rabugento — soltei. — Acabou de doar 500 dólares para o meu GoFundMe.

— A sério?

— Sim!

Li a nota. As minhas duas palavras preferidas: Estava enganado.

3

XAVIER

— Isto está horrível — disse eu.

A Tina encolheu os ombros.

— Disse para lhe dar um aspeto diferente. Ele está diferente.

O meu cão sorriu para mim com o corte de pelo mais esquisito que alguma vez vi. Tinha a barba de um *schnauzer* e as pernas rapadas de um *poodle*. Se ele se importasse, ficaria envergonhado.

Soltei um suspiro. Acho que mais vale feio do que morto.

— Ainda não tem nome? — perguntou a Tina.

— Não. Estou à espera que algum me pareça certo — disse eu.

Já passara mais de um mês desde a sua «morte». A senhora tinha vindo recolher as cinzas do São-bernardo há semanas. Imaginei que ela não teria motivos para regressar à clínica, por isso trouxe o cão para o trabalho, para que não ficasse sozinho em casa. Dado que agora andava na rua, precisava de cortar o pelo… e precisava de um novo nome. Eu tinha-o tratado pelo nome antigo, mas isso não resultaria se ele quisesse aparecer em público.

— Então, vai mesmo ficar com ele? — perguntou a Tina.

— Acho que tenho de ficar. Não posso pô-lo num *site* de adoção.

— Nenhum dos seus amigos pode ficar com ele?

— Não.

Ela coçou atrás da orelha dele.

— Ele é um bom menino.

— São todos bons meninos — resmunguei.

O meu estômago roncou. Olhei para o relógio. Duas da tarde. Tinha trabalhado durante a hora de almoço outra vez.

Era o único médico no meu consultório. Se um paciente precisava de uma consulta de última hora, não gostava de o mandar para as urgências se não fosse necessário. Isso significava que nem sempre tinha pausas; na verdade, na maior parte dos dias não tinha.

A Tina deve ter-me lido o pensamento.

— Trouxemos-lhe empadas de frango. Estão no frigorífico.

— Obrigado — disse eu.

Elas estavam sempre a dar-me de comer. Acontecia tanto que comecei a pagar-lhes as compras.

Abri o portátil para responder aos *e-mails* enquanto o meu cão se sentava com o queixo na minha coxa.

— Então, vai com o Chris esta noite àquela coisa, certo? — perguntou a Tina, encostada à porta.

— É esse o plano — disse eu, sem levantar o olhar.

— Ele ainda é solteiro?

— Tanto quanto sei. — O Chris, o Mike, o Jesse, a Becca… eram os meus melhores amigos, praticamente família.

— Devia perguntar-lhe se quer conhecer a minha irmã — disse ela. — Ela acabou de se separar daquele pastor de jovens.

— O Chris está demasiado ocupado para namorar — disse eu, passando os olhos por um *e-mail* sobre uma clínica de vacinação para o cão resgatado. — E eu estou demasiado ocupado para estar no meio disso.

— E o Mike? — disse ela, imperturbável. — Embora ele talvez seja demasiado musculado. Não sei se ela iria gostar disso. É pena que o Jesse não seja solteiro, seria perfeito. São ambos da área financeira, sabe? Mas o Chris é farmacêutico, isso também é muito bom. Além disso, ele gosta de ler e ela gosta de ler. Aposto que se dariam bem, devia perguntar-lhe.

Nunca percebi como é que estas mulheres conseguiam saber tanto sobre os meus amigos com base nas poucas vezes que eles vieram aqui e na informação limitada que lhes fornecia.

A Maggie irrompeu pelas traseiras.

— Dr. Rush! — Estava ofegante. — Aquela senhora está aqui! — sussurrou.

Pestanejei para ela.

— Qual senhora?

Os olhos dela estavam arregalados.

— A senhora da gata sem ânus.

Fiquei paralisado. A Samantha.

Depois de ter enviado o donativo no mês passado, recebi um *e-mail* genérico de agradecimento; não que esperasse algo mais do que isso. Não o enviei na esperança de que ela me contactasse, enviei-o para ajudar e para pedir desculpa. Mas já tinha passado tanto tempo…

— O que é que ela quer? — perguntei.

— Um exame? — respondeu a Maggie. — Diz que vai levar a gata num voo e precisa de um certificado de saúde e de um sedativo.

Porque é que ela viria ter *comigo*?

Há seis semanas que andava a reviver aquela interação na minha cabeça. Não conseguia esquecê-la.

Eu agira mal. O meu comportamento tinha sido pouco profissional e desnecessário. O culminar da exaustão e do cansaço geral de lidar com outros seres humanos, mas tinha-me redimido e, normalmente, isso era suficiente para eu seguir em frente.

Mas não conseguia esquecer isto e não sabia porquê.

Não. Eu *sabia* porquê. Por causa dela.

Regra geral, as coisas que as pessoas diziam sobre a minha personalidade não me incomodavam. Eu era seco. Sempre fui seco. Ela tinha todo o direito de dizer o que disse e de me chamar o que chamou. Nem sequer era a primeira pessoa a fazê-lo. Mas vindo desta mulher, por alguma razão, tinha-me atingido de forma diferente. Incomodava-me o facto de a ter desiludido.

Levou-me a esforçar-me mais nas últimas semanas para ser mais suave com as pessoas. Como se, de alguma forma, ela soubesse se eu fosse rude com alguém e isso a desiludisse, o que era ridículo de mil maneiras diferentes, mas eu estava a fazê-lo na mesma.

E agora ela estava aqui.

Fui à casa de banho para ajeitar o cabelo. Depois fiquei zangado comigo mesmo por ter feito isso, porque ela não estava aqui para olhar para *mim*, estava aqui para que *eu* olhasse para a gata dela. Saí e fui direto à receção para acabar com isto, depois virei-me imediatamente.

— Qual é a sala?

A Maggie estava à minha espera.

— Dois.

Voltei a virar-me. Depois regressei.

— *Tablet* — disse eu.

A Maggie estava ali a sorrir, segurando-o, como se soubesse que eu ia voltar. Estreitei os olhos para ela, peguei nele e saí. Outra vez.

Quando abri a porta da sala dois, a Samantha estava no mesmo sítio que da última vez, e com a gata na camisola.

— Olá, Dr. Rush — disse ela, num tom de ironia.

Linda. Ainda mais do que da última vez.

— Menina Diaz — disse eu, com a voz baixa.

Fui ao lavatório lavar as mãos, sobretudo para ganhar tempo antes de ter de falar com ela.

Quando me voltei para trás, ela estava a sorrir para mim.

— Gostava de ver o ânus da minha gatinha?

Bufei. Depois endireitei-me e atirei a toalha de papel para o lixo.

— Por acaso gostava.

Ela tirou a gata da camisola e entregou-ma.

Coloquei-a na mesa de exame e levantei-lhe a cauda. Depois ergui as sobrancelhas.

— Está com excelente aspeto.

— Está, não está?! — Ela sorriu.

Tive de me esforçar para manter a cara séria.

— O cirurgião disse que a deformidade era mais pequena do que pensávamos — explicou ela, vendo-me a examinar a *Poo*. — Ela recuperou muito bem, nem sequer ficou incontinente.

— Os movimentos intestinais estão normais? — perguntei, apalpando-lhe o estômago.

— Sim.

— Quantas vezes por dia?

— Duas a três — disse ela.

— Qual é o aspeto?

— Trouxe-lhe uma fotografia porque *sabia* que ia querer ver.

Pegou no telemóvel, passou o dedo e depois estendeu-mo. Acenei-lhe com a cabeça.

— Perfeito.

Senti que me observava enquanto eu verificava os dentes e os olhos da gatinha.

A gata cheirava outra vez ao perfume dela. Mais uma vez, agradou-me.

Voltou a guardar o telemóvel na mala e encostou-se à parede.

— A propósito, aceito as suas desculpas — disse ela.

Olhei para ela.

— Eu estava enganado. Sei admitir quando estou enganado. Subestimei as pessoas na internet.

— Não, subestimou-me a *mim* e quão engraçada consigo ser, o que é pior.

Ela conseguiu arrancar-me um pequeno sorriso.

Peguei no meu estetoscópio e ouvi o coração e os pulmões da *Poo*.

— Angariou mais do que precisava — disse eu. — Que fez com o resto?

— Doei-o todo à Brigada Bitty Kitty.

Enrolei o estetoscópio à volta do pescoço. Gostei disso.

— Acho que ela está em boa forma — disse eu. — Posso autorizá-la a voar. Vou dar-lhe algo para levar para a viagem.

— Obrigada.

Depois ela esperou, olhando-me com um ar de: *Então?*

Então arrisquei.

— Gostarias de sair comigo? — perguntei.

— Sem dúvida — disse ela sem sequer pensar nisso. — Mas tens de me levar a sair esta noite. Vou-me embora amanhã.

— Apanho-te ou combinamos em algum lado? — perguntei.

— Apanha-me.

— Às seis e meia?

— Parece-me bem — disse ela. — O meu número está na ficha da *Poo*.

Entreguei-lhe a gatinha, peguei no certificado de saúde da companhia aérea que ela me trouxe para preencher e saí.

Vi a Tina nas traseiras.

— Ela precisa de uma receita de gabapentina e de um comprovativo das vacinas. Eu preencho o atestado de saúde.

Estava a falar com a Tina, mas procurava no *tablet* o número da Samantha.

— Meu Deus, ele está a sorrir — disse a Tina.

A minha cabeça levantou-se.

— O quê?

Ela estava a olhar para mim com os olhos arregalados.

— Está a *sorrir*.

— Ele *está* a sorrir. — A boca da Maggie estava aberta. — É ela? *Gosta* dela?

Não cheguei a responder. A Tina suspirou e começou a saltar.

— Ele gosta dela!

— Parem com isso. Não, não gosto.

A Maggie rodopiou o dedo.

— Gosta siiiiim! Dá para perceber.

Olhei fixamente para as duas. Depois virei-me para o meu escritório e fechei a porta. Parei em frente à minha secretária e passei a mão pela boca.

Senti-me mal por ter dito que não gostava dela. Não era verdade.

Voltei a sair.

— Eu gosto dela. Vamos sair juntos esta noite. Não quero ouvir mais nada sobre isto; não é nada de especial.

Aparentemente, era algo especial. Elas começaram a gritar.

— Não é o meu primeiro encontro — disse eu na defensiva.

— Oh, nós sabemos — disse a Maggie, radiante. — Mas este é diferente.

— Porquê?

— Ela chamou-lhe idiota.

Bufei.

— Normalmente eu diria para não ser tão assustador e sério, mas acho que ela gosta disso — argumentou a Tina.

— Obrigado, mas não preciso dos vossos conselhos. Não tenho propriamente dificuldade em encontrar pessoas que querem sair comigo — disse eu.

Não tinha. Não sei porque é que elas estavam tão entusiasmadas.

— Sai com um tipo de mulher muito específico — disse a Maggie.

— Ai saio? — disse eu, sem demonstrar divertimento algum.

— Sempre mulheres com personalidade de tipo A — esclareceu a Maggie. — Todas andaram na Ivy League, com roupas perfeitas e zero sentido de humor. É intenso e taciturno e elas estão sempre zangadas e a mandar mensagens, teclando furiosamente porque são diretoras executivas ou advogadas ou qualquer coisa com um carrapito bem apertado…

— Sim! O carrapito! — disse a Tina. — Elas têm sempre o carrapito!

— A última não usava carrapito — argumentei, irritado.

— Não. Mas tinha energia de quem usa carrapito — disse a Tina.

— Precisa de alguém que discuta consigo — disse a Maggie. — E que o descontraia.

— Alguém simpático, mas não em demasia — descreveu a Tina. — É demasiado assustador para uma mulher demasiado simpática.

Soltei uma risada seca.

— Não sou assustador.

Olharam as duas para mim com uma cara de *oh, abençoada inocência*.

— Não sorri muito, querido — realçou a Maggie.

— Além disso, é muito alto — acrescentou a Tina. — Não pode franzir a testa e ser alto. É intimidante.

— Onde é que a vai levar? — perguntou a Maggie.

— Deviam ir a um sítio público — disse a Tina. — É demasiado grande e carrancudo para a levar a um sítio isolado no primeiro encontro.

Olhei para ela.

— A minha cara é assim tão problemática?

As duas aspiraram ar por entre os dentes.

— Mais ou menos… Tipo, em teoria até pode ser bom. Num romance, seria um vampiro macho alfa — disse a Tina, sem rodeios. — Isso é muito bom.

— Um lobisomem — corrigiu a Maggie. — Daqueles que rosnam.

— Um lobisomem — repeti, inexpressivo.

— Não… — disse a Tina à Maggie, ignorando-me. Depois, fez uma pausa dramática. — Rhysand.

A Maggie ofegou.

— Siiiiiiim! Porque ele é todo frio, bonito e perigoso.

— Até se parece com ele. Como se o Rhys fosse humano? — disse a Tina.

— Oh, meu Deus, completamente — declarou a Maggie.

Elas continuaram a falar sobre isso e eu fiquei a observá-las, muito pouco divertido.

— Enquanto vocês descobrem que monstro fictício sou, eu vou voltar ao trabalho. — Olhei para elas de relance. — Era bom que também voltassem a trabalhar.

Elas continuaram a falar de fadas com asas de morcego.

Voltei a retirar-me para o escritório antes que me pudessem fazer mais perguntas e comecei a reavaliar o meu plano de onde queria levar a Samantha.

Isso não ajudou. Depois, reavaliei as minhas reavaliações.

Normalmente, tomava decisões rápidas e confiantes, que tendiam a ser as mais corretas. Mas, por alguma razão, neste caso não tinha a certeza.

Não sei porquê, mas senti que só teria uma oportunidade com a Samantha. Acertar pareceu-me importante. Talvez porque todo o encontro fosse uma segunda oportunidade; um recomeço?

E o que queriam dizer com eu não sorrir? Eu sorrio.

Olhei por cima da secretária para uma fotografia que a Maggie tinha emoldurado de nós os três na inauguração da clínica, há dois anos. Um dos dias mais felizes da minha vida.

Está bem, talvez eu não sorria.

Devia melhorar isso.

Respirei fundo pelo nariz. Depois liguei para a namorada do Jesse, a Becca. Ela atendeu ao segundo toque. Parecia estar num *drive-through*… uma voz abafada disse-lhe para avançar para a próxima janela.

— Xavier?

— Olá. Posso fazer-te uma pergunta?

— Sim, o que se passa?

— Eu sou intimidante?

Fez-se silêncio.

— Estou? — disse eu.

— Estou a tentar descobrir como dizer isto de forma simpática.

Esfreguei as têmporas.

— És muito alto e não sorris muito — disse ela. — Podes parecer um pouco rabugento. Na verdade, eu acho que és um pouco rabugento.

Fechei os olhos com força.

— Porquê? Tens um encontro ou assim? — perguntou ela.

Senti-me como uma nuvem negra.

— Tenho.

— Queres a minha opinião sincera? — perguntou ela. — Tipo sincera, sincera?

Quando não respondi, ela continuou.

— Sê tu próprio. Se chegaste até aqui, ela provavelmente já tem uma ideia de como és. E tu não és assustador quando alguém te conhece.

— Ótimo. Obrigado.

— Estou a falar a sério. Não és. Não és carismático. Nem charmoso, nem extrovertido, nem divertido, nem…

— Está bem, já percebi.

— Não, deixa-me terminar. Tu és outras coisas. És fiável e leal. És estável, trabalhador e bondoso. Fazes sempre o que está certo e tens muita integridade. Isso é o que importa.

Amoleci um pouco.

— Nunca te preocupaste antes com o que os outros pensam — disse ela. — Deve ser um encontro importante.

Não respondi.

— Espera, tenho de pagar o meu café.

— É tudo o que preciso. Obrigado pela tua opinião — disse eu.

— Sempre às ordens!

— Não digas ao Mike nem ao Chris que te liguei — pedi. — Nem ao Jesse.

— Está bem, não digo, prometo. Só tens de aproveitar esse teu ar de herói romântico ardente. Aceita o Rhysand dentro de ti.

Claro. Eu não fazia ideia do que isso significava. Estava a pensar que devia procurar no Google, já que era a segunda vez, em dez minutos, que ouvia tal nome.

— Boa sorte — cantarolou ela.

Desliguei e fiquei a olhar para a fotografia na parede. Não ia forçar nada. Ia ser eu próprio.

Com sorte, ela gostaria.